

AGRADECIMENTO *

Ribeiro Ramos

Conta-nos Joaquim Inojosa, o valente e admirável pioneiro do Movimento Modernista no Norte e Nordeste do Brasil, em seu discurso de posse na Academia Carioca de Letras, onde substituiu o genial Malba Tahan, que este mandara escrever à entrada de sua casa, sempre acolhedora, esta belíssima quadra portuguesa:

“Tem minha vida um brasão
Dentre todos o mais nobre
Receber sem distinção
Tanto o rico como o pobre.”

Escreveram sabiamente os fundadores desta Academia em seu pórtico, por escolha unânime, a célebre divisa de Lord Beaconsfield, e que aparece em seu brasão, e tantas vezes repetida por aqueles que por aqui passaram e por todos que aqui estão, sempre com o máximo respeito e união.

Ao subir os degraus de entrada meus lábios murmuravam as três palavras sagradas “Forti Nihil Dificile”, gravando-as nos refolhos do coração, ao mesmo tempo que recitava em silêncio os versos portugueses que o grande mercador de esperança escrevera à entrada de sua casa carioca:

Perdoai, Sr. Presidente e ilustres confrades acadêmicos, por ter ousado colocar ao lado com as do vosso lema os lindos versos de uma quadrinha lusa, mas é que estou deslumbrado com as luzes deste

* Discurso pronunciado a 27-3-85, na solenidade de posse do orador como Acadêmico.

salão e com as galas desta recepção, onde ressalta vossa fidalguia como tônica maior. Toda Fortaleza conhece de perto, no perpassar dos anos e ao longo de muitas gerações, a conduta dos dirigentes desta fidalga e quase secular instituição, essa maneira de proceder em ocasiões semelhantes. E não poderia deixar de ser de outra maneira, já que faz parte do eu de cada cearense receber bem e acolher com distinção o visitante que lhe bate à porta, seja ele um viandante que pede repouso por alguns momentos ou por algumas horas, ou seja um hóspede que veio para ficar. É uma tradição de nossa terra e todos nós fizemos dela uma herança valiosa, sempre transmitida de geração em geração, ao longo dos séculos.

José de Alencar, o nosso romancista maior, nas páginas fulgentes do seu romance-poema **Iracema**, destaca essa qualidade dos filhos deste rincão ensolarado, ao pôr na boca de Araken, o grande chefe tabajara, ao receber à porta de sua cabana o estrangeiro Martin Soares Moreno, amistosa saudação — Bem-vindo seja o estrangeiro à Taba de Araken!

Lenda, simples lenda, ou não, a retórica de Alencar passou à posteridade transformada em puro sentimento da alma cearense, fazendo-se a ela inerente, inamovível, e mesmo intrínseca.

É bem verdade, não sou um estrangeiro a bater, neste momento de tão alta significação, à vossa porta, mas sou um peregrino vindo de longe em longa caminhada; um pobre peregrino irmão vosso, que perlustrou o sertão durante cinquenta anos distribuindo com outros irmãos mais pobres ainda um pouco daquele pouco que Deus lhe deu, buscando sempre nesse trabalho salutar, como missão que se impusera, a interiorização da cultura.

Isto e tão-somente isto me fez chegar até cá, mas eu vos confesso sem nenhum constrangimento, fiquei parado à porta, sem coragem de bater, preso por inata e invencível timidez que sempre me acompanhou toda vida. Parei antes mesmo de subir o primeiro batente. Ergui a vista e contemplei a mejestosa fachada desta casa — o histórico e belo palácio Senador Alencar, testemunha muda de passadas glórias, esplêndido abrigo de família ilustre e que deu guarida, ao longo dos anos, a muitas instituições valiosas, todas ligadas à vida cultural do Ceará e que foi por muito tempo a casa do povo. Intimidado, voltei-me para partir. Nisto dois vultos se aproximam e me saúdam com alegria, alegria que senti nascida de corações amigos. E travou-se um diálogo rápido e amistoso:

- Não voltes. Fica conosco — disse o primeiro.
- Sobe e bate à porta — falou o segundo.
- Não temas nada! Lá todos somos teus amigos.
- Vamos. Nós estávamos à tua espera.

Parei. Atentei. Vi os dois vultos diante de mim. Eram os prezadíssimos amigos Joaquim Lobo de Macedo — o nosso muito caro Joaryvar Macêdo — e Francisco Sousa Nascimento, ambos mestres e acadêmicos ilustres; escritores de altos méritos e ambos como eu filhos do sertão, telúricos, e os dois com vasta gama de grandes serviços prestados ao chão em que nasceram, no magistério, na educação do seu povo, no jornalismo, no cultivo das belas-lettras, e nesses admiráveis misteres, sensibilidade, inteligência e cultura.

Subi e bati levemente à porta, como que a medo, e ela se abriu. No limiar encontrei o atual dono da casa, poeta e mestre Claudio Martins, que me franqueou fidalgamente a entrada com um gesto fraterno de saudação, gesto repetido por todos aqueles que aqui se encontram. Entrei e fui apertando uma a uma aquelas mãos amigas que se estendiam para me receber. Emocionado e de olhos úmidos, olhei um a um os vossos rostos sorridentes, velhas e diletas amizades de mais de quarenta anos, as mais antigas, e de menos de vinte, as mais novas.

Chego neste momento para ficar em vossa honrosa companhia, por isto me ofereceis uma cadeira, para as dulcíssimas alegrias do vosso convívio, que a Deus peço seja duradouro e sempre afetivo. Agradecendo o vosso gesto, faço minhas as palavras aqui ditas em ocasião semelhante pelo ilustre acadêmico padre Francisco Sadoc de Araújo: “É uma distinção nobilitante, pois estabelece confiança e intimidade. Direi até que é distinção sagrada, pois o apóstolo Paulo afirma que está reservado exclusivamente ao filho o sentar-se à direita do Pai”.

Sento-me à cadeira 13, ocupada durante 34 anos pelo saudoso acadêmico cônego dr. Misael Gomes da Silva, que lhe deu lustre e brilho invulgar, patronímica de dom Jerônimo Tomé da Silva, sobralense ilustre, filho de tradicional família cearense radicada na Ribeira do Acaraú, figura ímpar do episcopado brasileiro, Arcebispo de Salvador, Bahia e Primaz do Brasil.

Sinto e sei que me faltam méritos para tão grande distinção. Não sou um literato na lata acepção do honroso título e minha bagagem literária está bem distante daquela de que é feliz portador o consagrado poeta acadêmico João Cabral de Melo Neto, quando dizia numa entrevista — “Meus livros? São tão finos que somente todos juntos poderão ficar em pé”...

Sou, no entanto, um devotado e fiel amante da literatura, amando, cultuando, lendo e admirando os poetas e escritores. Invejando-os também, confesso-o sem pejo. E faço isto desde menino e quando o meu mano José Waldo me pôs na mão um livro do nosso Gustavo Barroso, que ele tomara como modelo, logo no início de sua carreira literária

e que um dia o traria a esta casa.

Escrevo também desde menino. No princípio eram pequeninas histórias infantis e que eu mandava às minhas manas menores, residentes no sítio à sombra amiga do lar paterno. Eu morava então em Baturité, a bem-amada terra natal, e exercia o meu primeiro emprego na **Farmácia Central**, tendo como patrão, mestre e amigo, o farmacêutico João Paulino de Barros Leal Neto, pai de nosso eminente confrade acadêmico Vinícius Barros Leal, e um dos melhores homens que encontrei em toda a minha longa vida. O hábito me ficou. E escrever se tornou para mim necessidade do espírito. Algo assim parecido com o que disse de si mesmo o ilustre General-de-Exército e Embaixador Aurélio de Lyra Tavares, ao tomar posse na cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras, e ao falar sobre as suas inclinações para as letras nos dias da juventude, quer no Colégio Pedro II e quer na Escola Militar, onde ingressara por vocação irresistível: "Escrevi muito, durante toda a vida. Sobre assuntos que foram variando com a idade, as solicitações do espírito e os sucessivos tipos de estudos e cursos a que me dediquei." O eminente acadêmico podia falar assim, eu não, pois desde muito cedo tive que encher todos os dias de minha vida com o trabalho.

Colaborando, há mais de meio século com grande frequência, em revistas e jornais daqui e lá de fora, e na Rádio Itacema de Sobral diariamente durante quase seis lustros, escrevi milhares de páginas muitas delas guardadas por minha mulher Dinorá, em pastas e miscelâneas, perdendo-se, no entanto, não por culpa nossa, tudo aquilo que publiquei no quinzenário "O Acaraú", de lá, da querida cidade do mesmo nome, por mim dirigido durante doze anos. Não se perdeu grande coisa...

Naturalmente sonhei muitas vezes publicar em livros uma boa parte dessas páginas soltas, mas tudo não passou de sonho, já que a falta de meios sempre impediu a sua realização. Havia os pesados encargos de família e a responsabilidade da educação de nove filhos, que só foi possível graças à valiosa colaboração da mulher bíblica e admirável que Deus me deu.

Jamais lamentei tal coisa, ao pensar que os meus livros se os publicara não ficariam, ao passo que os meus filhos são um verdadeiro tesouro de valor inestimável.

Certa vez, num encontro com velho amigo intelectual conterrâneo, de há muito ausente de nossa terra, em longa e amistosa conversa, ele me perguntou: — E os livros que você escreveu onde estão? Não conheço nenhum...

Imediatamente me acudiu à memória aquele conhecido episódio vivido por Cornélia, a célebre **Mãe dos Gracos**, quando visitada e solicitada por outra grande dama romana a lhe mostrar as suas jóias, fez vir à presença da amiga os seus próprios filhos e lh'os mostrou dizendo:

Aqui estão as minhas mais caras jóias!

E eu tive desejo de chamar os meus filhos, apresentá-los ao meu amigo e dizer-lhe: Aqui estão os meus livros! Eles foram escritos pela mão de Deus, com a minha colaboração! Um desejo que não podia satisfazer, pois os meninos andavam longe de casa, longe do Ceará, lá pelo Sul e pela Europa, instruindo-se, educando-se, e preparando-se para a nobre tarefa de servir à Pátria, ajudando a construir a grandeza do Brasil na Igreja, na Medicina, no Direito, na Administração, na Educação, no Comércio, na Indústria, no Ensino e na Engenharia.

Meus filhos e meus netos estão aqui compartilhando as minhas dulcíssimas e inefáveis alegrias, não todos, infelizmente, como eu gostaria que assim fosse. Felizes, eles participam das galas desta festa que tão fidalgamente me preparastes e onde a espiritualidade ressuma em cada gesto e a amizade está em cada canto.

Sr. Presidente; Srs. Acadêmicos:

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, diz-nos a Fé, e o colocou como ser supremo da criação na escala animal, e deu-lhe, ainda, os dons únicos de pensar, rir e falar.

Aqui estou eu a fazer uso da palavra, depois que ouvi a palavra generosa, perfeita na expressão, delicada e afetiva do meu dileto amigo e confrade acadêmico Professor Cônego Francisco Sadoc de Araújo, designado pelo Sr. Presidente para me fazer a saudação de praxe. O genial Padre Antônio Vieira, num dos seus memoráveis sermões, nos fala sobre o não — o **NON** antigo — qualificando-o como uma "Palavra terrível, sem direito e nem avesso". O vocábulo **palavra** pode também ser **assim** qualificado, por suas diversas mutações em nosso linguajar. Ela é terna e pura quando nos fala de amor; é maravilhosamente bela quando traduz poesia; é divina quando nos diz perdão; é terrível quando acusa e insulta; é assassina quando calunia; é destruidora se aliada ao ódio; é desagregadora quando se oculta por trás do feio pecado da inveja; é afirmação quando prega a verdade; eleva e consola exprimindo amizade; é luz em Cristo pregando os Evangelhos; é sã doutrina nos ensinamentos de Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino; é caridade nos lábios de São Vicente de Paula; é música divina na boca de São Francisco de Assis na imitação do Cristo Jesus; é maravilhosa e linda quando dizemos mãe! É que nesta palavra de uma única sílaba está todo o universo.

Minha palavra é de louvor e agradecimento, e portanto nascida no coração, que é o órgão do afeto.

É praxe acadêmica fazer o novo titular da cadeira que assume o elogio do seu patrono e do ocupante que a deixou vaga. Cumpro

agora este nobilitante dever e para isto faço uso da palavra, rogando a paciência de me ouvirdes. Para não vos cansar procurarei ser o mais breve possível, falando sucintamente, apesar da grandeza dos eminentes vultos de que me ocuparei neste momento de tão alta significação, o primeiro de projeção nacional e quiçá internacional como príncipe da Igreja com lugar elevado na hierarquia eclesiástica à época e como um dos luminares da Igreja Católica no Brasil. O segundo como destacada figura do Clero cearense ordenado e duas vezes doutorado em Roma, e portador feliz de notável lastro cultural, professor culto e devotado e que dedicou ao Ceará e a seu povo, em todos os anos de sua longa vida, na cátedra e no púlpito, as luzes do seu espírito.

É tarefa por demais ingente procurar colocar nos estreitos limites de um discurso toda a grandeza de um verdadeiro príncipe da Igreja Católica da estatura de Dom Jerônimo Tomé da Silva, conquanto tenha em mãos valiosos e extensos dados biográficos contidos em três livros do mais alto valor: **Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense**, do Barão de Studart, **Os Frotas**, do Padre José da Frota Gentil, S. J., e **Ceará: Homens e Livros**, do acadêmico Padre F. Sadoc de Araújo. Fazer o resumo do que aí encontrei não é nada fácil. Uma grande vida a de Dom Jerônimo, plena de realizações. Narremo-la para os vossos atentos e generosos ouvidos no destaque do homem de Deus e do homem de letras.

Do “Ceará: Homens e Livros”, data vênica transcrevo o termo de batismo do párvulo Jerônimo realizado na Igreja Matriz de Sobral: “Jerônimo, branco, filho legítimo de João Thomé da Silva e Dona Maria da Penha e Silva, desta freguesia de Sobral, nasceu a doze de junho de mil oitocentos e quarenta e nove, e foi solenemente baptizado pelo Padre Miguel Francisco da Frota, de minha licença, a dezoito do mesmo mês e ano. Padrinhos Miguel Francisco do Monte e Ana Clara Francisca do Monte. E para constar fiz este termo que assino. O vigário colado Francisco Jorge de Sousa.” Como vimos o menino Jerônimo nasceu a 12 de junho, véspera portanto do dia de Santo Antônio, o grande taumaturgo de Lisboa, que lá da Região celeste o abençoou no berço rico, fazendo dele um predestinado, quem sabe? Já que consagraria toda a sua vida à Igreja de Deus. O pai, comendador e comandante superior da Guarda Nacional, era filho do português Tomé de Sousa e Silva e de D. Joaquina Pereira da Silva, e a mãe, senhora piedosa e de prendas domésticas, era filha do Capitão Inácio Gomes da Frota e Ana Joaquina de Vasconcelos. Como homem abastado e político influente, o comendador João Thomé desejou fazer do filho um médico, e para isso bem jovem ainda o enviou a fazer estudos na Bahia. Os conselhos do pai não influíram na vontade do filho, que se voltava para os exemplos de piedade materna, e sem dúvida pela orientação

de seu mestre e educador Padre Antônio Fialho, que era para o jovem discípulo modelo de vida a ser imitado. Disposto a seguir a carreira eclesiástica, viajou para Salvador no começo do ano de 1864 e dali para Roma a 30 de abril, passando pela França. Na cidade eterna matricula-se no já famoso Colégio Pio Latino-Americano, onde foi aluno brilhante, e mais tarde na Pontifícia Universidade Gregoriana, que lhe outorga a láurea de doutor em Filosofia, em 3 de setembro de 1869, doutorando-o em Teologia em 12 de agosto de 1873.

O PADRE JERÔNIMO

Ordenado sacerdote em Roma pelo Cardeal Patrizi na Igreja de São João de Latrão, Igreja-mãe de todas as igrejas do mundo, em 21 de dezembro de 1872, o Padre Jerônimo Tomé regressou ao Brasil em dezembro de 1873, trazendo em sua bagagem os títulos de doutor em filosofia e teologia, vindo diretamente para o Ceará. Já no ano seguinte vamos encontrá-lo como lente de Filosofia do Seminário de Fortaleza e nas funções de secretário do Bispo Dom Luis Antônio dos Santos a partir de 30 de abril de 1874; fundou com Mons. José Leorne Menescal o Colégio São José — o sacerdote e o mestre caminhando juntos em dupla e divina missão; convidado por Dom Vital, Bispo de Olinda, transferiu-se para Recife em 1877, indo ocupar a cadeira de Italiano no Ginásio Pernambucano, que permutaria pela de Retórica um pouco mais tarde; permanece nesse estabelecimento de ensino de 1877 a 1890, ano em que desempenhou as funções de governador do bispado e foi capelão do Asilo de Mendicidade de agosto de 1879 a 1889.

Sobre a estada de Padre Jerônimo Tomé em Fortaleza, encontramos no livro monumental "Os Frotas", do Padre José da Frota Gentil, e ao traçar-lhe o perfil, o seguinte registro: "De sua afabilidade na vida social é documento a poesia latina que declamou no casamento do famoso vate cearense Juvenal Galeno, casamento abençoado na Serra da Aratanha, pelo bispo dom Luiz Antônio dos Santos do qual era secretário (Hugo Vitor, **Deputados**, pág. 399)".

Na capital maurficia fundou a revista quinzenal, científica e religiosa **A Aurora**, em cujas páginas, além de artigos doutrinários, fez campanha aberta em favor dos bispos Dom Vital e Dom Macedo, presos quando na famigerada questão religiosa que abalaria os alicerces do trono do venerando Imperador Pedro II. Nessa campanha agiu sempre com muita coragem e total dessassombro, o que lhe deu fama de polemista vigoroso.

O BISPO DOM JERÔNIMO

Aos 41 anos, isto é, a 26 de junho de 1890, e exercendo as funções de promotor eclesiástico da diocese de Olinda, é nomeado pelo grande Leão XIII Bispo de Belém do Pará; viaja a Roma e é ali sagrado pelo famoso Cardeal Mariano Rampolla, eminente secretário de Estado do Vaticano, com assistência de Dom Antônio de Macedo Costa — a data: 26 de outubro de 1890. Depois de escrever a sua primeira carta pastoral dirigida a seus diocesanos de Santa Maria de Belém do Pará, regressa ao Brasil e toma posse de seu elevado posto na hierarquia da Igreja de Roma no Brasil. Sua passagem pela diocese foi rápida mas mesmo assim empreendeu trabalhos de vulto como a conclusão da majestosa Sé Catedral, orgulho de todos os paraenses e onde se realiza todos os anos a grande festa de cunho nacional do Círio de Nazaré; prestigiou o clero, socorreu os necessitados; fortaleceu as associações pias e religiosas, e percorreu, de barco, grande parte do seu vasto território; enfim, fez-se querido de todos os seus diocesanos que deixou com saudades e que o choraram na hora da partida.

Depois de carregar sobre os ombros a pesada responsabilidade de substituir Dom Macedo Costa durante três anos, a Santa Sé deliberou confiar ao Bispo Jerônimo Tomé maiores responsabilidades ainda, precinzando-o Arcebispo de Salvador, na Bahia, por breve papal datado de 12 de setembro de 1893. Sua entrada triunfal na Arquidiocese se deu em 27 de fevereiro de 1894, ao bimbalar sonoro e festivo dos sinos de todas as igrejas da gloriosa Bahia de Todos os Santos. Ao pisar o solo da Arquidiocese, trazia no peito, por singular e feliz coincidência, preciosa cruz peitoral com a imagem de São Salvador gravada num camafeu, presente que recebera de Leão XIII, ao ser sagrado Bispo de Belém do Pará.

Foi extraordinária e notável a ação pastoral e comunitária do eminente prelado cearense à frente da Arquidiocese baiana e onde recebeu o título de Primaz. Vejamos isso em rápida síntese: com um patrimônio de 500 contos, muito dinheiro à época, estabeleceu a cônica para garantir aos prelados baianos subsistência condigna; entrou em demanda para conseguir de volta terrenos pertencentes à Arquidiocese, em poder de terceiros que ali faziam depósitos; pediu ao Estado a devolução de cômodos ocupados em dependências da Catedral e onde se achava instalada a biblioteca pública, e de outros em poder da Faculdade de Medicina. Conseguiu isto, saindo, assim, vitorioso da demanda. Como não houvesse na Bahia nenhum estabelecimento de ensino religioso, chamou sucessivamente os padres jesuítas, os sacramentinos e os salesianos e lhes deu tão honrosa tarefa; promoveu os educandários das

Ursulinas, das Dorotéias, do Sagrado Coração nos Perdões, do Bom Pastor e dos Terceiros Franciscanos. Indo além no seu fabuloso trabalho em favor da educação e do ensino trouxe os padres Agostinianos e do Coração de Maria; favoreceu as reformas do Mosteiro de São Bento e do Convento dos Franciscanos. Para atender os inúmeros pedidos de ajuda que recebia fundou a "Caixa Pia" com essa finalidade, e, para ajudar os seminaristas pobres, criou a Obra das Vocações Sacerdotais, ainda hoje vigorante no país. Criou a "Obra dos Tabernáculos", destinada a ajudar as igrejas pobres das cidades do interior desprovidas de recursos, a fim de dar aparência condigna aos atos do culto, renovando os paramentos. Fundou em 1908 a "Revista Eclesiástica", confiando a sua direção ao erudito professor Mons. Samuel Elpídio de Almeida, notável latinista baiano. A Santa Sé deu-lhe o título de Primaz do Brasil, e consta que tencionava fazer dele o primeiro cardeal da América. Sabe-se que houve interferência do grande Chancelar da República, o Barão do Rio Branco, em favor de Dom Joaquim Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro. O Vaticano cedeu diante da insistência do famoso Barão, glória da diplomacia brasileira. Como Primaz do Brasil, coube a Dom Jerônimo a honra de pontificar na sessão inaugural do Concílio Plenário Latino-americano, reunido em Roma em 1889. E foi ele o Orador Oficial que saudou Leão XIII ao término do Concílio.

Deve-se a Dom Jerônimo o êxito de 1º Congresso Católico Brasileiro, organizado pelo admirável padre Bartolomeu Taddei, S.J., verdadeiro marco inicial da Igreja militante no país, "pelo esplendor das cerimônias, pela importância dos assuntos e pela participação de figuras eminentes do catolicismo nacional". O bispo e o padre promoveram grande peregrinação a Roma e ao Santuário de Lourdes, na França, e em 1905 uma outra à Terra Santa.

Homem de extraordinária visão, anteviu muito cedo o futuro da Igreja Católica em nosso país, daí o haver proposto à Santa Sé e obtido do Papa Leão XIII a criação de quatro províncias eclesiásticas no Brasil, além das duas até então existentes, tendo por metrópoles as sedes de São Paulo, Mariana, Pernambuco e Pará. No vasto território de sua Arquidiocese conseguiu também a criação de quatro dioceses: Aracajú, Barra, Caitité e Ilhéus, quando de sua viagem a Roma, em 1913. Humilde e culto, Dom Jerônimo não deixava transparecer aquela extraordinária força interior que o levava a grandes realizações. Qualquer iniciativa uma vez posta em prática era sempre coroada de êxito. Foi sua iniciativa junto ao Governo da República a de transformar a representação da Santa Sé em Nunciatura Apostólica, e, portanto, a nível de embaixada.

O HOMEM DE LETRAS

Desde muito jovem e estudante de Humanidades e ainda como aluno distinto do notável educador Padre Antônio Fialho, o filho do Comendador João Tomé sempre demonstrou pendores para as letras, que cultuou toda a vida, e que fariam dele um estilista. A catedral e a tribuna aprimorariam tais pendores, dando relevo ao intelectual, ao puro homem de letras.

Cultor do vernáculo, poliglota, latinista erudito, professor de retórica e filosofia, todas essa caudal teria que desaguar em milhares de páginas primorosas que ficaram para a posteridade. Assim, além de inúmeros artigos doutrinários ou de cunho polêmico publicados na "Tribuna Catholica", de Fortaleza, na "A Aurora", do Recife, e na "Revista Eclesiástica", da Bahia, deixou Dom Jerônimo as seguintes obras:

- **ORAÇÃO FUNEBRE:** Pelas vítimas da hecatombe de Vitória, pronunciada na Matriz de Boa Viagem, Recife, a 27 de junho, 1880
- **DISCURSO FUNEBRE:** Nas exéquias do Visconde do Rio Branco, Recife, 1880
- **MANUAL FILOSOFICO:** Recife, 1886 — Alentado volume de 431 páginas
- **MANUAL RETORICO E POÉTICO:** Recife, 1886
(Ao que tudo indica eram esse livros destinados a seus alunos na capital da província)
- **DISCURSO:** Em solene ação de graças saudando à chegada o senhor Bispo de Olinda, Dom José Pereira da Silva Barros, pronunciado na Igreja do Espírito Santo, 1881
- **CARTA PASTORAL:** Saudando os diocesanos da Província do Pará, no dia de sua sagração, Roma, 1890
- **CARTA PASTORAL:** No jubileu episcopal de S.S. o Papa Leão XIII, Pará (1890)
- **CARTA PASTORAL:** Na sagração da Catedral de Belém, Pará, 1892
- **CARTA PASTORAL:** Aos diocesanos da Bahia, quando da transferência da diocese de Belém do Pará para a Arquidiocese de Salvador, Bahia, 1894
- **CARTA PASTORAL:** Publicando a carta de Leão XIII aos Bispos e Arcebispos do Brasil, Bahia, 1904
- **CARTA PASTORAL:** Sobre o 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, Bahia, 1900
- **CARTA PASTORAL:** Quando do incêndio ocorrido na Gruta do Senhor Bom Jesus da Lapa à noite de 1º de maio de 1903, Bahia, junho de 1903

- **CARTA PASTORAL:** Criação de três novas dioceses, Bahia, 1904
- **CARTA PASTORAL:** Apelo aos diocesanos em favor da fundação de um Colégio Salesiano, Bahia, 1896.

Por gentileza de meu nobre amigo e eminente confrade Dr. José Bonifácio Câmara, o grande bibliófilo contrerrâneo que todo o Ceará admira e quer, li duas dessas pastorais em cópia xerografada que bondosamente me enviou: Carta Pastoral sobre o jubileu episcopal do Papa Leão XIII, Belém do Pará, datada de 2 de fevereiro de 1893, e a de "Apelo aos diocesanos baianos para fundação de um Colégio Salesiano na cidade de São Salvador da Bahia", de 24 de maio de 1896. Em ambas ao lado do pastor a nobre figura do mestre. Na panegírico de Leão XIII falando da Igreja mestra encontro este trecho de alta significação... "Aquelles que acusam a Igreja de inimiga da Ciência e da instrução, se lessem a Carta Pontificia, certamente ficariam convencidos de que a Igreja é a grande inspiradora das sciências, a mestra dos povos. Ella é que tem salvado as litteraturas, que tem conservado, através dos séculos, este facho, como depósito sagrado." Na segunda carta referida, propugnando pela abertura de um colégio dos padres salesianos em Salvador, assim se expressou: "Toda sociedade bem organizada, onde os homens têm por objectivo a felicidade do povo, deve assentar sobre duas bases inconcussas que são: Trabalho e Religião. O homem sem religião é um corpo sem vida, uma machina sem movimento, um navio sem bússola, um cego sem guia." E, mais adiante, sobre a dignidade do trabalho como fator indispensável à prosperidade das nações, cita passagem do livro de Job, onde diz "que o homem nasceu para trabalhar como o pássaro para voar".

Em toda a vasta obra do grande pastor, ao lado do estilista encontra-se sempre o Homem de Deus, assim como no pregador dos Evangelhos está sempre o Sacerdote de Cristo no alto desempenho de sua missão de apóstolo. Humilde de coração toda a sua grande vida é exemplo bellíssimo de amor aos pobres, de devotamento à educação, de exaltação ao trabalho.

"Do que semeou muito frutificou" disse alguém ao ensejo da morte do grande príncipe da Igreja em terras do Brasil, falecido santamente em 19 de fevereiro de 1924, chorado no País inteiro. Seus restos mortais repousam eternamente diante da Capela do Santíssimo Sacramento na magestosa e vetusta Catedral de Salvador, ali rezamos nós, eu e minha mulher, ela oriunda da mesma família do eminente prelado, quando de nossa primeira visita à Bahia, em dezembro de 1954, sem que eu sequer sonhasse que um dia o teria como meu protetor, nume tutelar que é desta privilegiada cadeira nº 13, que ocupo nesta noite de gala que

me deslumbra e assusta, na vida seqüencial desta gloriosa Academia Cearense de Letras.

Entre as nobres missões que Deus dá ao homem duas são as maiores por sua maravilhosa beleza, perfeição e grandeza: o sacerdócio e o magistério. No primeiro estão sempre juntos o sacrifício e a renúncia; no segundo mister unem-se estreitamente a devoção e o amor. No sacerdócio o homem se aproxima de Deus e imita o Cristo de quem se fez seguidor; na magistério ele é a própria imagem da dedicação. No primeiro o homem se consagra ao Cristo, cujos passos segue; no segundo ele se eleva com as próprias forças deixando atrás de si um rastro de luz. No sacerdócio o homem se purifica no contato das coisas sagradas e na comunhão com o Espírito Santo; no magistério ele se santifica na sublimidade de sua missão.

E quando o homem sente despertar dentro do próprio coração a dupla e extraordinária vocação de ser sacerdote e professor a um só tempo, ele se torna um varão e um santo, elevando-se sobre os seus semelhantes pela grandeza da alma e na sublimação dos mais puros sentimentos. E ele se santifica bem cedo entre nós e sobre a face da terra: com uma das mãos distribui o pão da vida e com a outra oferece o pão do espírito.

Por uma singular e feliz coincidência, e para minha maior alegria, o eminente patrono da cadeira que assumo neste momento, Dom Jerônimo Tomé da Silva, e o seu primeiro ilustre ocupante, cônego Dr. Misael Gomes da Silva, foram sacerdotes da Igreja de Cristo e foram doutos e ilustrados mestres. No desempenho do duplo divino mister ambos se destacaram e deixaram nome para a posteridade, nos legaram obra imperecível, num atestado eloqüente de seus superiores dotes de inteligência e de seu devotamento à cultura. Cearenses ambos, um nascido na heráldica Sobral e outro vindo à luz do dia, lá no Cariri portentoso, na encantadora cidade de Milagres, os dois ordenados sacerdotes na cidade dos papas e doutorados em Filosofia e Teologia na mesma gloriosa universidade — a Gregoriana — de renome universal. O primeiro é elevado ao principado da Igreja e o segundo consegue os bordados de General Honorário do Exército na sua qualidade de professor militar. Às bênçãos desses dois eminentes homens de Deus junto, feliz, as que acabo de receber das mãos sacerdotais do ilustre acadêmico recipiindo e consagrado professor Cônego Dr. Francisco Sadoc de Araújo, reitor da Universidade Vale do Acaraú, historiógrafo e vitorioso escritor, igualmente ordenado e doutorado em Roma. A companhia ilustrada é honra muito grande para o modesto escriba que sou. Deus louvado!

A esta tríplice ventura quero juntar e exaltar o meu amor a Sobral e ao seu povo. Um amor à moda portuguesa: amor-sinceridade, amor-deli-

cadeza — e que tem as suas raízes em minha origem sobralense: minha avó materna, Sra. Maria Thomazia Franco Ribeiro, nasceu em Sobral e casou-se com o meu avô Capitão Joaquim Ribeiro da Costa, da Serra de Baturité. Amor consolidação e fortalecido pela naturalidade sobralense de quatro filhos, nove netos e dois bisnetos meus.

O CÔNEGO DR. MISAEL

Naquele já distante ano de 1919 chegava eu a esta Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção, a então pacata e acolhedora cidade de Fortaleza — a Loura Desposada do Sol dos belos versos de Paula Ney —, dos bondes da Light, das alegres rodas das calçadas, das maravilhosas serenatas ao luar e dos “pregões matinais” — Oh meu Deus que saudades! Menino ainda, muito menino, vinha eu exercer o meu segundo emprego e todo cheio de inocente orgulho por me considerar um prático de farmácia. A cidade, provinciana e tranqüila, era enorme aos meus olhos de menino. Todo mundo se conhecia e se cumprimentava; os homens usavam severos trajes escuros, completos; os senhores do comércio e funcionários trajavam ternos comuns, cobriam a cabeça com chapéus de massa ou palhinha e nos pés os indefectíveis borziguins e como complemento a bengala; as senhoras e as moças, que só saíam à rua acompanhadas, usavam longos e pesados vestidos cobrindo os pés, calçados com elegantes botinas, e jamais eram vistas sem chapéu, enquanto isso os desembargadores, os juízes e altas autoridades eram sempre vistos envergando fraque e cartola. Os padres usavam batina, chapéu e colarinho eclesiásticos e traziam no braço o inseparável guarda-chuva, o mesmo utilíssimo chapéu-de-sol dos dias de verão, e os monsenhores se distinguiam pela veste talar preta e severa como a dos padres, diferenciada pelos enfeites e torsais vermelhos, que era também a cor das meias, e os sapatos de entrada baixa eram ornados por uma fivela de metal prateado.

Aos poucos o menino de Baturité foi conhecendo quem era quem. Foi assim e de longe que conheci o padre Dr. Misael Gomes da Silva, ordenado e doutorado em Roma, muito relacionado na cidade, capelão da Santa Casa, e apontado como uma das grandes culturas do clero do Ceará, consagrado orador sacro, professor do Liceu do Ceará muito respeitado e, já em 1925, professor da Escola Preparatória de Fortaleza e mais tarde Colégio Militar.

Filho do tenente-coronel Antônio Gomes de Lacerda e de Josefa Maria do Espírito Santo, nasceu o menino Misael em Milagres, no Cariri, em 21 de setembro de 1885, fez estudos em sua cidade natal com o padre José Fernandes de Medeiros, coadjutor e mais tarde vigário

da freguesia. Entrou para o Seminário de Fortaleza, a 4 de março de 1900, como aluno preparatoriano; depois de cursar filosofia e retórica, no início de 1903 passou para o seminário maior, e, diante do seu aproveitamento, era mandado a estudar na Europa, embarcando a 1º de outubro do mesmo ano no porto de Belém do Pará com destino a Gênova, na Itália, e já a 8 de novembro era matriculada no Colégio Pio Latino-Americano, em Roma, fazendo brilhante curso. Frequentou a Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Gregoriana e ali recebeu o título de Bacharel e depois o de licenciado, para receber em 1906, em sessão solene presidida pelo Cardeal Merry Del Val, eminente Secretário de Estado de S. S. Pio X, a láurea de Doutor em Filosofia. Na Faculdade de Teologia da mesma famosa universidade, após aplicados estudos recebeu seguidamente os títulos de bacharel, licenciado e por fim o de doutor. Teve ali grandes e ilustrados mestres, entre os quais o Jesuíta Billot, que foi mais tarde elevado ao cardinalato por S.S. Pio X.

Humanista, foi no Colégio Pio Latino membro da Academia Portuguesa de Literatura “B. Inácio de Azevedo”, de cuja diretoria fez parte e onde recebeu prêmio de distinção em 1906 e 1907. Como representante da academia e por delegação de seus pares proferiu discurso de saudação na sessão magna da Academia Espanhola “Santa Teresa de Jesus”, a 5 de maio de 1910, comemorativa do 1º Centenário da Independência Espano-Americana, na presença de ilustres cardeais, ministros e membros do corpo diplomático.

Das mãos do Cardeal Respighi, vigário de S. S. Pio X, em Roma, recebeu o almejado presbiterato a 28 de outubro de 1909, e celebrou as suas primeiras missas a 1, 2 e 3 de novembro, na Capela do Pio Latino-Americano, na cripta da Basílica de S. Pedro e na Capela das relíquias da Basílica de Santa Cruz. Depois de visitar a Itália e a França voltou ao Brasil, desembarcou em São Paulo e fixou-se no Rio de Janeiro, servindo na paróquia de São Joaquim no ano de 1911, voltando ao Ceará em novembro desse ano. Aqui iniciou o seu múnus sacerdotal como Capelão da Santa Casa da Misericórdia, cargo indicado pelo Bispo diocesano Dom Joaquim José Vieira, onde permaneceu 18 anos.

Mestre da língua vernácula e dominando perfeitamente o latim, o francês, o italiano e o espanhol, além de conhecer a fundo os clássicos, a história e a geografia, humanista que era, em breve ingressaria no Magistério, ao fundar em 1913, ao lado de seus ilustres colegas padres José Quinderé e Climério Chaves, o Colégio Cearense, posteriormente nas mãos prodigiosas dos Irmãos Maristas, estabelecimento de ensino de nossa juventude de fecundas e gloriosas tradições de fé e de civismo, e que vem ao longo de mais de oito décadas prestando os mais assinala-

dos serviços ao Ceará e ao Brasil na luminosa seara da educação, da instrução e da cultura. Seguindo o mesmo largo caminho eis o padre dr. Misael professor do Liceu do Ceará, o mais antigo estabelecimento oficial do ensino em nosso Estado, manancial perene de pura linfa cristalina onde muitos milhares de jovens se desentendam no caminho pela grandeza do Brasil, buscando no ensino o meio mais perfeito de servir a Deus e à Pátria. Para chegar até ali e bem assim ao Colégio Militar de Fortaleza, o ilustre sacerdote e douto mestre defendeu teses em concursos memoráveis nos quais conquistou consagradoras vitórias. A caminhada do mestre seria sempre pontilhada de realizações e triunfos. Vemo-lo, assim, na diretoria do Colégio Castelo, na banca examinadora do Colégio Floriano, que havia trocado o nome (1930) e como co-fundador da Associação Cultural Franco-Brasileira (1943) e aí um grande passo no Ceará em favor da secular amizade entre a França gloriosa e de cultura milenar e o Brasil eterno enamorado das coisas do espírito. E veio depois a sua maior e mais duradoura obra no campo educacional: fundou em Milagres a "Escola Normal Dona Zefinha Gomes" (nome de sua excelsa genitora) num gesto de amor à terra natal, e de há muito entregue à mãos dadivosas das filhas de Santa Ana, que se devotam de corpo e alma à instrução e educação da juventude feminina da encantadora cidade e da região caririense.

O padre Misael Gomes da Silva, no desempenho de seu múnus sacerdotal, deixou rastro luminoso e algumas obras admiráveis que lhe perpetuam a memória e o fazem para sempre lembrado. Fundou a Igreja de São Gerardo, no antigo bairro do Alagadiço, hoje sede de paróquia, prestou durante três lustros os seus serviços à igreja de Santa Teresinha localizada em zona sinistra — a antiga e famigerada "Cinzas" — hoje dignificada pela bela e saudáve avenida Leste-Oeste (sempre que por ali passo contemplo esta igreja com unção e sinto um insopitável desejo de ali rezar, ouvindo o marulhar das ondas buliçosas). Foi ele por vários anos diretor assistente das Filhas de Maria do Colégio das Dorotéias, foi capelão da Casa Nossa Senhora do Cenáculo e do Instituto dos Cegos; durante muitos anos preparou e realizou a Páscoa dos funcionários dos Correios e Telegráfos, e fê-lo com especial carinho e zelo pastoral de 1925 a 1954. Deu, assim, o testemunho de sua fé e procurou cumprir a missão para a qual se sentira vocacionado ao se fazer Sacerdote de Cristo. Foi pró-vigário geral da diocese, nomeado por Dom Joaquim José Vieira, e Juiz Auditor do Tribunal Aliança de Fortaleza.

Padre culto que era, foi delegado do Brasil e representante da Arquidiocese de Fortaleza, em 1952, no Congresso Latino-Americano de História e Arte Religiosas em Buenos Aires, na Argentina, e com justiça é eleito sócio titular desta augusta Academia Cearense de Letras

ocupando a cadeira 13, colocada sob a tutela, de Dom Jerônimo Tomé da Silva. Ao chegar aqui já havia enriquecido a própria biografia com o título de sócio efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), para onde entrara em 1930. Dignificou ambas as instituições com a sua ilustre presença, com o seu trabalho e aprimorada cultura.

Com uma vida assim e toda ela dedicada ao serviço da Igreja, à cátedra e à pátria, viu-se sempre cercado do respeito de seus coestudanos, recebendo por isso mesmo diplomas, medalhas e constantes honrarias sem conta: medalha de prata comemorativa do cinquentenário da Proclamação da República; medalha do Ensino do Exército da Escola Militar de Resende no Rio de Janeiro; medalha Marechal Trompowsky, do Instituto dos Docentes Militares; medalha Gustavo Barroso, medalha Justiniano de Serpa, da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Diploma de Gratidão da Diocese do Limoeiro pela colaboração em favor da construção do Seminário; diploma da chancelaria das Ordens Nacionais do Cruzeiro do Sul, do Mérito Naval e do Mérito Militar; diploma de Honra ao Mérito da Ceará Rádio Clube; diploma de primeira classe da Terceira Exposição Filatélica e Numismática do Ceará; diploma de Amigo do Colégio Militar de Fortaleza. Em 1979 foi agraciado com o título de Doutor **Honoris Causa** conferido pela Universidade Federal do Ceará, e dessa honraria com sobejada razão se orgulhava.

O INTELECTUAL

Concludente de cursos de português, latim, francês, espanhol e italiano, laureado doutor em filosofia, teologia, história e língua hebraica, humanista, portanto, do mais alto valor, o Padre Misael Gomes da Silva nos deixou preciosa obra literária e cultural enfeixada em livros, afora tudo aquilo que ficou disperso em jornais e revistas de sua época.

Ei-las:

- **As Mais Fortes Características do Povo Romano** (Estudo Histórico, Psicológico e Jurídico), tese do candidato a uma cadeira da 4ª Secção do Colégio Militar do Ceará, Fortaleza, 1920.
- **União do Clero — Relatório à Assembléia Geral em Sessão de 1º de Fevereiro de 1920** — Ceará, 1920.
- **Primeiras Lições — A Nova Lei, Novas Bandeiras, o Mestre, a Pátria (Discursos e Conferências)** — Fortaleza, Ceará, 1921.
- **Discurso ao Dr. Washington Luiz** — Fortaleza, Ceará, 1926.
- **Problema Social** — Fortaleza, Ceará, 1928.

- **O Pontificado Romano** — Discurso proferido no solene **Te Deum** na Catedral de Fortaleza celebrando a Independência e garantindo o poder temporal do Sumo Pontífice Ceará, 1929.
- **A ciência da História** — (Tese de concurso à 2ª cadeira de História da Civilização do Liceu do Ceará). Fortaleza, Ceará, 209 pp. — 1934.
- **Influência do Mundo Oriental na Civilização do Ocidente** — (Tese de concurso à 2ª cadeira de História da Civilização — ponto sorteado — do Liceu do Ceará). Fortaleza, Ceará, 1934, 102 pp.
- **História e Literatura** — Discurso proferido como representante da Academia Cearense de Letras na sessão solene comemorativa do Jubileu de Ouro de fundação do Instituto do Ceará. Fortaleza, Ceará, 1937.
- **Discurso de Recepção** — 1938, Fortaleza, Ceará.
- **Frei Marcelino de Milão** — Capuchinho (Discursos, juntamente com Luiz Sucupira e Alba Valdez) — Fortaleza, Ceará, 1941.
- **Dever, Pátria e o Instituto** — (1943).
- **Monsenhor Furtado Através das Minhas Reminiscências** — (1954).
- **Ceará e Paraíba** — (1969).

SENHORES ACADÊMICOS:

Essas páginas memoráveis que estão aí para a posteridade escritas em linguagem escorreita, em estilo elegante e personalístico, levam-nos ao encontro do puro intelectual que sempre foi o Cônego Dr. Misael Gomes da Silva. Juntos aí se encontram o sacerdote e o mestre, que não se dissociaram jamais. O homem de fé pregando a sua crença, o professor na sua eterna missão de ensinar e educar. Dupla divina missão, sublime na sua essência, que foi também do eminente patrono de minha cadeira. Perdoai-me se não consegui traçar com elegância e exatidão os perfis admiráveis de meu patrono e do meu antecessor. É que me faltou engenho e arte.

SENHOR PRESIDENTE ACADÊMICO PROFESSOR CLÁUDIO MARTINS:

Permiti que acrescente aqui uma terceira alegria às duas outras que mencionei no início desta oração, uma vez que tão sincera e tão profunda como aquelas e que ficarão comigo eternamente: estar ao vosso lado, sob o teto augusto desta Casa, para o convívio cotidiano, ameno e salutar com mais 38 amigos irmãos nossos — 40 que somos os seus ocupantes — todos voltados para um ideal superior no culto das letras e da ciência. Chego na minha qualidade de estudante que

o sou toda a vida, e para ouvir dos mestres doutos que aqui estão belas e profundas lições de sabedoria, como aquela que um dia ouvi de vossa boca, ao ensejo de uma de minhas visitas a esta Casa, e que jamais esquecerei.

A Academia estava em sessão e tomastes a palavra para comunicar aos confrades acadêmicos o lançamento que seria feito no dia seguinte da edição fac-similada da "A Quinzena", o jornal centenário do Clube Literário que marcou época na vida cultural da província do Ceará no último quartel do século passado. A promoção era da Academia e contara com o total apoio do Banco do Nordeste e por determinação do ilustre presidente Dr. Camilo Calazans de Magalhães. O fato auspicioso vos ensejou uma explanação completa e admirável sobre a Academia, sobre a recuperação de sua sede tombada pelo governo, as últimas promoções culturais feitas, as que estavam projetadas—projetos imediatos e a longo prazo —, intercâmbio cultural, situação financeira, enfim o presente e o futuro deste sodalício, precisão absoluta em vossa fala. A vida da Academia, pontilhada de glórias e de triunfos sem conta. O relato das dificuldades superadas, tudo, tudo. Colocações precisas, seguras e, coisa admirável! Nenhuma pequenina nota em vossas mãos, nenhum apontamento. E acabáveis de chegar de longa e estafante sessão do Conselho Estadual de Educação, cujos destinos presidias também. E houve algo mais: mal acabastes de falar passastes a presidência da sessão ao vosso substituto imadiato e saistes para dar uma aula na Universidade...

Confesso-vos, Senhor Presidente, o meu pasmo por tudo que vi e ouvi naquela tarde, e senti — se tal coisa é possível — crescente a minha admiração e maior ainda a estima que vos tenho, como amigo, como mestre, como poeta e escritor, como chefe de família, como rotariano, como cidadão de grande espírito público e como uma das figuras exponenciais do Ceará, e pelo profundo e imensurável amor que devotais a esta muito amada Academia Cearense de Letras, que já se avizinha do centenário com toda a pujança da graça e da beleza, e na sedução maior de sua espiritualidade.

SENHORES ACADÊMICOS:

Grato vos sou pela fraterna acolhida com que me recebeis. Espero em Deus jamais desmerecer de vossa amizade, oferecendo-vos o melhor de minha estima e vos garantindo a constância de minha admiração. Eu sempre me considereei um homem feliz e vosso convívio é uma felicidade a mais em minha vida. Vejo-a com indizível alegria acrescida àquela que desfruto na paz de meu lar modesto, no amor de meus

filhos e netos e no desabrochar da vida de meus bisnetos, nas valiosíssimas amizades de meus nobres amigos e companheiros das várias instituições a que pertença e no correto desempenho de minha nobilíssima profissão.

E esta felicidade que ora desfruto é rara, é muito rara, pois me acolho à sombra do teto amigo e portentoso desta Casa de Tomaz Pompeu, quando lá fora os distantes albores da madrugada anunciam o despontar da aurora belíssima de um novo dia. É que já desponta o sol da liberdade doirando os contornos do vulto maravilhoso da democracia que ressurge em terras do Brasil, de envolta com esta promissora República nova que acaba de nascer.

O Brasil deixará de ser o gigante eternamente deitado em berço esplêndido para ser o gigante que caminha de pé para um futuro luminoso, com o seu povo ordeiro e pacífico trabalhando e produzindo, com a sua juventude integrada nas Universidades independentes, e os seus devotados mestres, cultos e doutos, ensinando, instruindo e educando, todos — mestres e alunos — voltados para a Ciência e a pesquisa; com os humanistas e os pensadores apontando, iluminados, os largos e seguros caminhos do porvir; com os escritores e poetas entregando constantemente para a posteridade os frutos do próprio espírito sem o temor dos rigores de uma censura draconiana. Este é o vosso trabalho, senhores acadêmicos, que ajudais a construir o Brasil do presente e fazeis o grande Brasil de amanhã.

Ide e lutai com todas as forças por vossos puros e supremos ideais, e eu seguirei firme os vossos passos, pedindo a Deus que eleve sempre esta Academia Cearense de Letras, e que faça do Brasil uma Nação feliz, muito feliz, com um Nordeste sem miséria, sem fome e sem sede, sem endemias aviltantes e sem degradante mortalidade infantil, sem genocídio e sem analfabetismo e sem violência.

Ide e continuai lutando pelo principado da Língua Portuguesa, cujo nome glorioso foi substituído por comunicação e expressão nas provas escolares, que nada exprime e que nenhuma significação têm. Mestres, doutos mestres todos vós, ide e procurai sensibilizar as altas autoridades do ensino e da educação no sentido de que a Língua Vernácula seja ensinada em todas as Universidades do País, em todas as faculdades e em todos os cursos superiores, como matéria obrigatória, para que a juventude brasileira a ame e cultive nos seus admiráveis quatrocentos mil vocábulos, sem jamais esquecer de que foi nela que se imortalizou Camões. O mesmo imenso Camões eternamente cantado e louvado por todos os poetas e prosadores de aquém e de além-mar, presentes nestas estrofes sublimadas de Artur Eduardo Benevides:

“ Em ti tudo é sublime e tem grandeza.
És um gênio maior e nos indicas
Os caminhos do tempo e nos suplicas
Que sigamos do eterno a correnteza.”

Como presente está nestes primorosos versos do Mestre insigne
Jáder de Carvalho:

“ Sei que naufragaste. Dinamene afogou-se.
Mas a Língua Portuguesa,
Ainda menina-e-moça,
Salvou-se contigo,
Para amadurecer no poema.
Ó soldado do rei, ó épico, ó lírico,
Tu, língua e Pátria ireis ao fim do tempo.”

Atravesso neste instante a fronteira desta Jerusalém da cultura — esta amada Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção, e transponho os umbrais desta nonagenária catedral das letras alencarinhas, preso da mais viva emoção, em busca de vossa honrosa e sempre desejada companhia, o que significa dizer em busca da inteligência brasileira. E isto acontece quando festejamos o Ano Nacional da Cultura e o novo governo, numa coincidência feliz, cria o Ministério da Cultura. É maravilhoso tudo isto. É este o mais alto momento de minha vida de modesto operário das letras, que sempre palmilhou a planície, sem jamais sonhar em contemplar o sol nascente do alto da montanha. O momento é supremo porque de vivas alegrias, mas a que não falta o sempre pungente e acridoce sentimento da saudade. É que já não mais estão conosco os diletos amigos irmãos José Waldo, Figueiredo Filho, Braga Montenegro, Carlos Studart, Milton Dias — dois anos exatos, hoje, de sua volta ao Pai — e Denizard Macedo, que tanto engrandeceram esta instituição e que tão alto projetaram o Ceará no deslumbrante e monumental cenário da Literatura Brasileira.

E eu peço a Deus neste instante que a ausência sentida de Mozart Soriano Aderaldo e Maria da Conceição Sousa se torne em breve nesta Casa naquela presença amiga e fraterna de todos os dias.

E tempo de concluir. Perdoai-me vós por me ter alongado demais. É que a gratidão é o mais belo sentimento sempre presente em minha alma. Grato à vossa generosidade, profundamente grato à presença amiga e fraterna de meus familiares, de meus colegas farmacêuticos, de eminentes confrades de instituições literárias e culturais, de caríssimos amigos e conterrâneos de Sobral, de Baturité, de Acaraú e de Sant'Ana do Acaraú.

Obrigado! Muito obrigado!